

**EDITORA INTERNATIONALI NEGOTIA
SUBSECRETARIA-GERAL INTERNACIONAL
THIAGO CARDOSO PINHEIRO DIAS PAIS**

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
CONDIÇÕES SANITÁRIAS EM CAMPOS DE REFUGIADOS**



BRASÍLIA – DF

2019

THIAGO CARDOSO PINHEIRO DIAS PAIS

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
CONDIÇÕES SANITÁRIAS EM CAMPOS DE REFUGIADOS**

BRASÍLIA – DF

2019

*Dedico este guia ao ex-Diretor Acadêmico da
Internationali Negotia, que me inspirou a
escrever guias,
Johan Behr.*

CARTA DO SECRETARIADO

Prezados delegados,

Conflitos não são gratuitos. Sua natureza carrega, em si mesma, milhares de preços. Enquanto o objetivo daquele conflito não for alcançado, tais débitos serão descontados gradualmente. Vidas, famílias, estruturas políticas e sociais e anos de desenvolvimento vão, aos poucos, tornando-se pó. Independentemente da meta da guerra, os detritos morais se acumulam.

Uma tentativa – e não mais que isso – de diminuir os impactos desse descontrole claramente humano é a criação de campos de refugiados. Afinal, em uma tentativa desesperada por salvar a única coisa com que nasceu – a vida –, o ser humano, animal que é, busca, se não puder lutar e vencer, fugir do conflito. Essas pessoas que buscam abrigo longe das áreas de risco saem de seus países e deixam de ser cidadãos, e sequer recebem o nome de estrangeiros. São refugiados: aqueles que buscam refúgio.

Como se não fosse suficiente o problema da guerra, da política, de ter que arriscar sua vida deixando sua cultura e sua nação para trás para salvar sua vida, o refugiado se depara com outro problema: a ausência de acolhimento por parte do outro país. Uma parte é compreensível: os Estados que circundam o conflito e não participam desse não têm responsabilidade sobre esses apátridas. Não há planejamento nacional que reserve dinheiro para refúgio de pessoas que não possuem relação alguma com aquela nação e a ocupam por desespero. Por outro lado, tais humanos não têm para onde ir. Buscam a luz, a razão, os países com infraestrutura decente.

Desse novo conflito, situado no plano social, entre o país que não tem relação nem responsabilidade para com o conflito e o refugiado desesperado para salvar sua vida, surgem os campos de refugiados. Locais provisórios que deveriam acolher aqueles humanos que, de acordo com o 3º Artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, possuem direito à vida. Locais que não tinham previsão de existir e nem possuem previsão de acabar.

Cabe ao representante de um Estado-Nação defender os interesses de sua pátria: como manter esses humanos que não pertencem ao seu país em situações devidamente respeitadas? Como respeitar os Direitos Humanos e a as condições básicas de vida

nesses locais que nem deveriam existir? Como tratar esses campos, consequências da guerra?

O autor.

*“Quando os ricos fazem as guerras,
são sempre os pobres que morrem.”*

(Jean Paul Sartre)

RESUMO

O presente artigo objetiva dissertar sobre as condições sanitárias dos campos de refugiados ao redor do globo, durante a história. Para fazê-lo, traz-se aspectos históricos e o debate acadêmico sobre a existência de tais campos, bem como sobre o respeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos, especialmente ao Artigo nº 25 deste documento citado.

Palavras-chave: condições sanitárias, campos de refugiados, Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo nº 25.

ABSTRACT

This article aims to discuss the health conditions of refugee camps around the globe, throughout history. To do this, it brings historical aspects and the academic debate about the existence of those fields, as well as on respect for the Universal Human Rights discussion, especially Article 25 of this document.

Keywords: sanitary conditions, refugee camps, Universal Declaration of Human Rights, Article 25.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS	10
1.1 A Organização Mundial da Saúde	10
2 REFUGIADOS	12
2.1 Historicidade do tema	12
2.2 Conceituação	12
2.3 As Dificuldades dos Refugiados	14
3 OS CONFLITOS E OS CAMPOS DE REFUGIADOS	15
3.1 Campos	17
3.2 Alimentação	17
3.3 Doenças	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
APÊNDICE I - POSICIONAMENTOS	20

INTRODUÇÃO

A existência em si dos refugiados é um problema. Não, a culpa não é das pessoas que, por infortúnio, vieram a se tornar refugiados. Pelo contrário, são vítimas. O problema é de Estado para Estado, de nação para nação. Refugiados são os que desejam se salvar dos conflitos. Se um Estado pretende ou prevê a geração de um conflito a médio prazo, deve contar com o êxodo de uma parte considerável da sua população. Da mesma forma procede às pátrias ao redor: ao analisarem a política externa de um vizinho, devem saber que, caso haja conflito, a primeira parada das massas fugitivas é para o seu território. Lá, providências também devem ser tomadas.

Mas como assim a existência dos refugiados é um problema? O fato é que é um termômetro para os conflitos. Quando percebemos uma movimentação não convencional de pessoal, quer dizer que a estrutura social de um país está desmoronando junto à guerra. As consequências são um avanço turbo da globalização, o esvaziamento populacional de massas trabalhadoras de um país e a superlotação de outros. Ainda, o contágio por doenças que vieram de outros países, a instabilidade de ter que arranjar condições aceitáveis e de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, ainda, ter que reger a própria nação e fazê-la compreender o fenômeno.

A existência de refugiados é um sinal claro de instabilidade, seja ela social, política, econômica ou de mais de um item já citado. Compreender as causas, os conceitos e as consequências desse processo de refúgio internacional é o primeiro passo para lidar com o problema.

1 A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

A ONU foi criada em 24 de outubro de 1945, na cidade de São Francisco, EUA. Após a devastação causada pela Segunda Guerra Mundial, 26 países do globo se reuniram na Califórnia em 1º de Janeiro de 1942 a fim de assumir compromissos futuros para garantir a paz mundial. A primeira reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas foi realizada em Londres, Inglaterra, em 1946 e, nela, foi decidido o local em que se instalaria a sede da Organização: Nova Iorque, Estados Unidos da América.

Atualmente, a ONU tem 26 programas, fundos e agências vinculadas. Cada um deles tem uma área específica de atuação, além de ajudar de formas técnicas e humanitárias nas mais diversas áreas. Dessa maneira, os seis primeiros e também principais órgãos da Organização das Nações Unidas são a **Assembleia Geral**, órgão deliberativo; o **Conselho de Segurança**, único órgão da ONU que toma decisões de caráter obrigatório; o **Conselho Econômico e Social (ECOSOC)**; o **Conselho de Tutela**¹, criado com o propósito de auxiliar territórios sob tutela da ONU; a **Corte Internacional de Justiça**, Tribunal de Haia, órgão jurídico máximo da ONU; e o **Secretariado**, que administra os programas e as políticas da ONU.

Além desses, os organismos intergovernamentais que estruturam a ONU são a **Organização Internacional do Trabalho (OIT)**, a **Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)**, a **Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)**, **Organização Mundial da Saúde (OMS)**, **Banco Internacional de Desenvolvimento (BIRD)**, **Associação de Desenvolvimento (IDA)**, **Corporação Financeira Internacional (CFI)**, **Agência de Garantia Multilateral de Financiamento (AGMF)**, **Agência Internacional para Resolução de Disputas Financeiras (CIRDF)**, entre outros.

1.1 A Organização Mundial da Saúde

A OMS foi criada em 7 de abril de 1948 pela Organização das Nações Unidas, com o objetivo de unificar os conhecimentos sobre saúde ao redor do globo, além de promover o acesso à saúde em todas as regiões do mundo. Sua primeira reunião ocorreu em Genebra, na Suíça – atual sede – em 1948, após a criação de seus primeiros estatutos em julho de 1946

¹ Teve suas atividades suspensas em 1º de novembro de 1994.

pelo Conselho Econômico e Social da ONU. A organização possui 193 Estados Membros da ONU, mais de 7000 trabalhadores em 150 escritórios localizados em diferentes países ao redor do mundo, além da sede.

Esse órgão tem como principal objetivo promover saúde de qualidade pelo mundo. Ele também tem funções como auxiliar governos para estabelecer seus serviços de saúde, fomentar pesquisas nas diversas áreas da saúde, desenvolver normas e metas para a saúde mundial, bem como monitorar a situação do acesso mundial adequado à saúde. A OMS foi responsável pela conquista mundial da erradicação da varíola, pela diminuição drástica dos casos de poliomielite ao redor do mundo, além de ter papel ativo na luta contra a AIDS.



Bandeira da Organização Mundial da Saúde - (Fonte: site oficial da Organização Mundial da Saúde)

2 REFUGIADOS

2.1 Historicidade do tema

A temática referente a Refugiados é complexa. Desde que o nomadismo acabou por grande parte dos povos e o sedentarismo se tornou tendência, um princípio de identidade foi impresso nos territórios. Afinal, o nomadismo consistia em aproveitar a fauna, a flora e as condições do habitat em que se encontrava determinado povo. Quando esses recursos se tornavam ligeiramente escassos, ia-se a outro lugar. A identidade territorial, então, não se instaurava de fato. Ainda, eram grupos pequenos, na maior parte das vezes.

Com a descoberta de métodos de cultivo e criação de animais, tornou-se fácil baixar âncora e se instalar em algum lugar com boas condições. Surgiram, assim, as primeiras cidades, e a ideia de cultura começou a se consolidar. Depois de algumas centenas de anos, povos e grupos étnicos de mesma cultura ocupavam o mesmo lugar, e sistemas administrativos e políticos foram criados e desenvolvidos para a manutenção da harmonia no local. O povo mais próspero, porém, era aquele que ocupava o espaço com melhores condições, ou aquele que se adaptava melhor ao meio. Assim, espaços com recursos naturais como minérios, água e terra fértil foram os que criaram povos ricos. A esse exemplo, temos a Mesopotâmia, fundada entre dois rios, o que garantia proteção natural, riqueza de recursos e fertilidade.

A identidade cultural foi se consolidando durante milênios. Locais antigos, como o Egito, as então Cidades-Estado da região helênica e a Península Itálica são exemplos de locais que engrandeceram culturalmente, politicamente e de modo geral. A cultura de cada local se tornara clara e, mais ainda, os grupos étnicos que lá habitavam. Assim, era fácil distinguir um povo do outro. Em Roma, cidadãos eram romanos, pois falavam latim e possuíam nome e traços itálicos. A expressão *civis romanus sum* demonstra bem o peso que era ser um cidadão romano dentro de Roma. Estrangeiros possuíam diferentes leis e direitos, piores que as atribuídas aos cidadãos romanos.

Com a expansão do Direito Romano para os demais Estados, essa ideia permaneceu. A ideia de Estado consolidada, inclusive, trouxe isso: quem nasce em um território é cidadão daquela pátria. A alternativa é ser filho de estrangeiros: nesse caso, torna-se cidadão do país de seus pais também, a famosa dupla nacionalidade.

2.2 Conceituação

Hoje, mesmo com o advento da globalização, a ideia permanece. Vistos foram criados para que cidadãos possam entrar em países que tiverem boas relações com seu Estado de origem. Mas existem algumas exceções: Um cidadão pode pedir **asilo** ou **refúgio** político. O direito de asilo é fornecido a quem é perseguido dentro de sua nação, pelo próprio governo ou por algum grupo (do qual o governo não possa proteger seu cidadão), e o Estado recipiente define se concederá asilo ou não. Já no refúgio político, geralmente o caso é com massas de populações que desejam se abrigar de conflitos ou guerras civis. Igualmente, o país deve conceder o direito a refúgio.

O conceito de refugiados como o entendemos hoje foi criado somente após a Segunda Guerra Mundial, com a criação da ONU e de seus órgãos subordinados. Na definição dada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), “refugiados são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados.” A atualização e concretização de um conceito foi fundamental para criação de leis e medidas acerca desse grupo, tanto protetivas quanto de bloqueios; tornando-se um marco nas decisões governamentais que puderam ter uma base uniforme em suas condutas.

A ACNUR, em sua convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, estabelece a proteção aos refugiados como responsabilidade internacional. Além desses, o conceito de refugiados teve importante ampliação em 1969 pela União Africana e em 1984 pela Declaração de Cartagena, documentos que tornaram a condição de deslocamento dos refugiados menos humilhante e a reconheceu como um problema mundial e, não apenas dos países afetados por essa problemática. Devido à globalização e ao aumento do número de refugiados, o reconhecimento foi essencial para tomada de decisões, que tendem a ter opinião comum à da ONU, que busca a garantia dos direitos humanos a esse grupo. Dessarte, é visível a participação dessa instituição em diversos países, dando suporte aos governos que se mobilizam por esta causa. Um exemplo nítido e de vasta divulgação midiática é o apoio fornecido na Itália, em que voluntários de boinas azuis ajudam a resgatar náufragos que chegam a Europa em grandes quantidades. Além da ajuda física, a ONU é essencial para intermediar conflitos, evitando o agravamento da situação mundial, e como exemplo disso temos a questão da Turquia, país muro entre o Oriente Médio e a Europa, que busca uma solução para os refugiados lá instalados.

2.3 As Dificuldades dos Refugiados

Os migrantes vivenciam diversos desafios ao decorrer de sua jornada. O primeiro deles é a expulsão compulsória de seu país de origem, seja por guerras, fome ou perseguição. A partir daí, a vida deles está em constante perigo, pois não contam mais com a proteção de seu Estado e, pior, a travessia para sua nova vida costuma ser perigosa e insalubre.

A passagem mais perigosa hoje é a que atravessa o Mar Mediterrâneo, canal que liga o continente africano ao europeu. A periculosidade do trajeto se inicia nos transportes clandestinos que extorquem os retirantes e os colocam em embarcações superlotadas e insalubres. O caminho é até o outro continente é extenso e graças a essas condições precárias, muitas vezes o barco naufraga, matando todos a bordo. Desde 2000, mais de 34 mil mortes ou desaparecimentos foram registradas pela ONU nesse trajeto, sendo que o ano com mais mortes foi 2016, com mais de 5 mil.

Além do perigo intrínseco à travessia dos refugiados, os países europeus, a fim de barrar a entrada ilegal de indivíduos no continente, passaram a dificultar a passagem pelo Mar Mediterrâneo. Medidas como o fechamento da menor e menos perigosa rota da Turquia para a Grécia foi uma delas, o que leva as embarcações a irem por caminhos maiores e mais perigosos. Além das embarcações clandestinas, traficantes de seres humanos passaram a ser mais procurados para fazerem a travessia dos migrantes após o impedimento dos caminhos legais entre África e Europa. A ACNUR já reforçou a necessidade sobre uma ação mais incisiva acerca do tráfico humano, ratificando a importância de operações de busca e de resgate durante o caminho no Mar Mediterrâneo.

O número de crianças que chegam desacompanhadas da viagem também cresce a cada dia, sendo que em 2017 foram 25 mil. Essas crianças são submetidas a abusos, exploração e muitas vezes não conseguem sobreviver às más condições da trajetória e morrem. A Unicef, Fundo das Nações Unidas para a Infância, declarou que tal conjuntura é uma violação da Convenção sobre os Direitos da Criança.

3 OS CONFLITOS E OS CAMPOS DE REFUGIADOS

Ainda sobre a trajetória percorrida pelos refugiados, muitas vezes suas embarcações são retidas em pontos de controle em países como Grécia, Espanha, Hungria e Croácia. Ao serem parados ali, as pessoas são realocadas até que o governo daqueles países tome uma decisão sobre o destino dos retirantes. Nesse escopo, surgem os campos para refugiados. Esses, por definição, são lugares provisórios, construídos por organizações internacionais ou não governamentais, com o objetivo de acolher refugiados. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente, 65 milhões dos migrantes regionais ou internacionais são forçadamente deslocados de seu local de origem. Essa condição obriga o sistema de saúde mundial, além de outros, a se adequar ao surgimento de novas carências ou do reaparecimento de outras há muito esquecidas.

Na era contemporânea, alguns conflitos têm sido os mais responsáveis pelo envio de refugiados ao mundo. Entre eles está a Guerra Civil na Síria, a luta contra a guerrilha armada na Colômbia, os ataques de grupos extremistas no Oriente Médio e conflitos políticos na nação mais nova do mundo – Sudão do Sul. A guerra na Síria eclodiu em 2011 e já fez mais de 400 mil vítimas até agora. Nela, grupos rebeldes lutam contra o ditador Bashar al Assad, os primeiros são armados e treinados, principalmente, pelos EUA e pela Arábia Saudita. Já o governante recebe apoio da Rússia e do Irã, além de grupos extremistas como o Hezbollah. Além desse conflito principal, há também a presença do Estado Islâmico no país, o qual aproveitou o estado de calamidade para conquistar territórios. Assim, a Síria é hoje a maior responsável pela geração de refugiados do mundo, cerca de 12 milhões até agora.

O país que mais recebeu imigrantes Sírios desde o início da guerra civil nesse país foi a Turquia. Somente em 2017 mais de 3 milhões de sírios foram assentados no país turco. Assim, em busca de melhorar as condições de vida dos refugiados, a OMS, em conjunto com o governo da Turquia, encontrou o que parece ser uma solução para a barreira cultural existente dentro dos campos para refugiados. Foi criado um modelo de treinamento para que refugiados formados em sua terra natal na área de saúde atualizem seus conhecimentos e possam atuar nos centros para refugiados. Dessa maneira, os refugiados serão atendidos na sua própria língua por uma pessoa que conhece e compartilha a sua cultura.

O segundo conflito que mais gera migração é a luta entre e contra as guerrilhas que ocorre há mais de 50 anos na Colômbia. A particularidade dele é que ele gera mais movimentação interna, dentro de suas fronteiras (cerca de 7,4 milhões), que internacional (300 mil). As FARC, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, surgiram na década de

60 com o objetivo primário da reforma agrária no país. Patrocinada por Cuba, a guerrilha se mantinha do sequestro de políticos e de membros da elite do país. Em meados da década de 80, o grupo começou a intensificar ações como sequestros, extorsões e atentados, o que fez com que a população se voltasse contra a guerrilha. Juntamente a essas ações, elas começaram a controlar territórios produtores de drogas ilícitas, como maconha e cocaína. A guerra ao narcotráfico mundial se aliou ao governo colombiano para acabar com as FARC. A guerra foi apaziguada em 2013, quando o governo colombiano passou a dialogar com os guerrilheiros.

O terceiro embate a gerar mais refugiados não está restrito a um país específico, mas sim a grupos extremistas disputando espaço. No Afeganistão, os protagonistas são o Talibã e o Estado Islâmico, e a hostilidade ganhou mais força com a invasão dos Estados Unidos ao país. Assim, esse conflito já gerou 1,8 milhão de deslocados internos e mais de 2,5 milhões internacionais. O Iraque também luta contra as ações do Estado Islâmico, após este tomar conta de territórios que até 2011 estavam sendo protegidos pelo exército norte-americano.

Há, em quase todos os campos de refugiados existentes no mundo, prevalência de doenças respiratórias, gastrointestinais e infecções de pele, circunstâncias que estão intimamente ligadas com as condições sanitárias desses locais e com a superpopulação com que eles permanecem. Ou seja, a situação higiênica dos alojamentos para refugiados, quando avaliada por um contexto mundial, favorece a disseminação de doenças infecciosas e o ressurgimento de doenças antes controladas ou até mesmo tidas como erradicadas (van Berlaer G, et al 2016). Este autor também ressalta a necessidade de um cuidado precoce para com as pessoas dos campos, pois a maioria das doenças, se diagnosticadas no início do seu estágio, podem ser tratadas e ter uma evolução melhor que se tardiamente detectadas.

A OMS estima que, mundialmente, crianças de 0 a 14 anos morrem mais por diarreia, cerca de 1,8 milhões, que por tuberculose, 81 mil, ou a malária, 844 mil. Tais dados levam os organismos internacionais a lutarem cada vez mais pela melhoria nas condições sanitárias dos diversos lugares do planeta. Quando analisadas, neste escopo, as condições sanitárias dos campos destinados aos refugiados, as proporções de mortes evitáveis decorrentes da falta de higiene desses locais superam os números considerados aceitáveis (A. A. Cronin et al., 2009).

Em estudos acerca da condição de tratamento da água em centros para refugiados, foi atestado que a limitada disponibilidade de água, quando somada à pobre cobertura sanitária e ao ambiente pouco higiênico nesses lugares, contribui para o surgimento e para a disseminação de doenças (Syed Imran Ali et al, 2015).

Pesquisas apontam que as medidas mais eficazes para diminuir as mortalidades e as morbidades relacionadas a situações de emergência e de realocação de multidões são:

proteção contra violência, fornecimento adequado de comida e disponibilidade de água limpa, além de promover medidas para o controle de diarreias e medidas de imunização, desenvolver o cuidado materno-infantil e, por fim, lidar corretamente com as doenças endêmicas comuns à região na qual se estabelecem os asilos (MJ Toole, et al, 1997).

3.1 Campos

Apesar de todos os recursos necessários para manter um campo de refugiados, a maioria deles está localizada em países subdesenvolvidos, o que leva a um somatório de problemas já esperados nesses campos e problemas comuns de países subdesenvolvidos.

Os maiores campos de refugiados estão localizados no Quênia, um na fronteira com a Somália e outro na fronteira com o Sudão do Sul e eles, juntos, somam mais de meio milhão de refugiados. A Etiópia, segunda nação mais populosa do continente africano, abriga mais de 200 mil refugiados em seu território. Além desses, a Jordânia, a Palestina, a Argélia, o Sudão do Sul, a Mauritânia, a Uganda, a Tanzânia, a Índia e o Paquistão estão entre os países com os maiores campos de refugiados do mundo.

3.2 Alimentação

Segundo dados levantados pela ACNUR, no último ano, mais pessoas morreram de fome que de AIDS pelo mundo. Há 3 (três) principais fatores de risco para morte por desnutrição (fome), sendo esses: (i) a mudança climática, que destrói as plantações das principais fontes de alimentação; (ii) os conflitos armados, que bloqueiam os acessos às fontes de alimento, aumentam os preços dos alimentos e destroem as capacidades produtivas e, por fim (iii) a extrema pobreza, a falta de recursos para alimentação.

3.3 Doenças

De acordo com Jonatan Rapaport, as doenças prevalentes nos campos de refugiados se assemelham às doenças prevalentes nos países em desenvolvimento, sendo elas as enfermidades nutricionais e diarreicas, o Sarampo, as infecções respiratórias e a Malária.

Nesse escopo, os locais destinados aos refugiados têm fatores de risco que tornam tais doenças tão presentes. Assim, o déficit alimentar, sendo ele quantitativo ou qualitativo, é precedente das enfermidades nutricionais. Por sua vez, a contaminação da água

disponibilizada nos campos e a falta de saneamento são responsáveis pelas diarreicas. O Sarampo é predisposto pelo confinamento e pela cobertura vacinal deficiente dos campos. Já as infecções respiratórias são predispostas, principalmente, pelas más condições de moradia, pela falta de abrigo e pela má qualidade das vestimentas. Por fim, a Malária é estimulada pela mudança geográfica dos refugiados e, com essa migração, o novo local pode ter um novo tipo da doença, para o qual os indivíduos não estão imunizados.

Surtos de doenças como a Cólera e a Hepatite E ocorreram nos últimos anos em diversos campos ao redor do globo. Tais doenças estão relacionadas com as más condições sanitárias e higiênicas, por serem transmitidas ao não se higienizar as mãos e ao se consumir alimentos contaminados e água contaminada. Após tais surtos, a ACNUR tomou providências como aumentar o número de latrinas nos campos, uma para cada 17 pessoas e aumentar a quota de água por pessoa, sendo essa 22 litros. Ademais, foram promovidas campanhas dos profissionais da saúde ensinando a importância da lavagem de mãos na prevenção de doenças, além de noções básicas de higiene, como a importância de defecar nos lugares apropriados e não ao ar livre.

No mesmo contexto, além da campanha educacional, a Agência da ONU para Refugiados também colocou em prática diversas campanhas de vacinação, a fim de evitar surtos de doenças evitáveis. Em 2015, diversos refugiados do Burundi foram vacinados contra a cólera ao chegarem na Tanzânia. No campo de refugiados de Nyarugusu foram instalados 25 pontos de vacinação, com o objetivo de assistir mais de 120 mil refugiados de Burundi e da República Democrática do Congo. Sendo que, desses 120 mil refugiados, 106 mil são crianças de menos de um ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da leitura do presente trabalho, percebemos bastantes tópicos importantes pertencentes às mais diversas áreas, para a compreensão não só das condições sanitárias dos campos de refugiados, mas para o entendimento dos motivos de sua existência.

Enquanto conflitos entre nações existirem, haverá refugiados e, enquanto houver refugiados, nações terão que lidar com esse problema. O alastramento de doenças, o gasto de dinheiro que não era destinado a esse fim e que nem precisaria ser caso a energia dos países estivesse em fazer a paz e não a guerra.

Quanto aos refugiados em si, as maiores vítimas de todo o processo, esses são o foco de todo o debate. São esses que merecem toda a atenção e o comprometimento de todas as nações envolvidas, independente da forma. O respeito aos Direitos Humanos é fundamental, e não pode ser alcançado sem que haja planejamento para esse fim. A guerra já é uma doença. A fome é uma doença. Fazer com que a própria população fuja de sua pátria para salvar a própria vida é uma doença. Não há porque deixar que mais doenças ainda aflijam essas pessoas que já sofrem.

APÊNDICE I - POSICIONAMENTOS

ÁFRICA

África do Sul

A República da África do Sul é o país mais procurado pelos refugiados, por sua proximidade e prevalência social perante as demais nações africanas. Entretanto, já passou por algumas dificuldades relativas a refugiados, fechando alguns campos por falta de verba e assistência. O MSF condenou o ato. Hoje, procura soluções para o número estapafúrdio de refugiados se direcionando a seu território.

Argélia

Abriga o campo de Sahrawi ao sudeste de seu território, que conta com um complexo de cinco campos e cerca de 90 mil pessoas. Geralmente, são africanos do oeste do deserto do Saara, que buscam abrigo na Argélia desde o conflito com forças marroquinas por questões territoriais na década de 1970.

Egito

Segundo dados do ACNUR, a República Árabe do Egito acolhia 211.104 refugiados e solicitantes de asilo de 63 nacionalidades em setembro de 2017. Muitos fugiram do conflito e da insegurança em países como Síria, Iraque, Líbia, Sudão, Somália e Eritreia. Alguns foram submetidos a violência e exploração nos seus países de origem ou durante as suas viagens e têm problemas psicológicos e deficiências físicas decorrentes disso. No Egito, lutam para ter acesso a cuidados médicos, apesar de barreiras administrativas e de idioma, taxas inacessíveis e falta de serviços adequados. A Áustria propôs que o Egito e a Tunísia sejam os recipientes de refugiados que querem ir pra Europa.

Etiópia

A República Democrática Federal da Etiópia é a segunda nação mais populosa da África e, por muito tempo, foi considerada um dos países mais pobres do mundo. Atualmente, a nação conta com 5 (cinco) campos de refugiados construídos pelo ACNUR. A Etiópia faz fronteira com países em conflitos internos latentes, como a Eritreia e a Somália, além de receber também uma onda de refugiados do Sudão do Sul desde meados de 2013, graças a embates étnicos no último. Tal cenário coloca a Etiópia entre os 6 países que mais recebem

refugiados no mundo. Abriga mais de 600 mil refugiados, o maior número do continente africano.

Líbia

A Líbia é um país instável. Possui centros de detenção que prendem alguns migrantes e refugiados ilegais. O problema é que “Vários centros de detenção em Trípoli estão na frente de batalha e milhares de pessoas desesperadas estão presas lá dentro. Há um risco real de mortes em massa por causa de fogo de artilharia e bombardeios indiscriminados. O fornecimento de alimentos e água foi interrompido e agora só acontece em situações pontuais. A assistência médica é totalmente insuficiente, porque é fornecida sobretudo por organizações internacionais que foram forçadas a suspender suas atividades devido à insegurança”, disse Ibrahim Younis, coordenador-geral de MSF na Líbia.

Marrocos

O Reino do Marrocos é uma das portas de saída para a Europa. Por isso, o fluxo de subsaarianos tentando ir à Europa por suas terras é enorme, com mais de 50 mil pessoas. Muitos, tentando uma vida melhor no continente europeu, passam-se por sírios ou por cidadãos de países árabes em conflito, para que possam ser recebidos pelos governos que fornecem abrigo a refugiados.

Mauritânia

Como quase todos os campos de refugiados do continente africano, os campos da República Islâmica da Mauritânia também não se encontram em bom estado. O campo de Mbera, quase na fronteira com o Mali, ao sudeste da Mauritânia, abriga quase 70 mil pessoas que fugiram do conflito com o Mali, vítima de golpe militar em 2012, após 10 anos de relativa estabilidade. Disputas com rebeldes separatistas do Norte levaram a uma intervenção de sua ex-colônia (França) no país e eleições foram instauradas.

Quênia

A República do Quênia contém alguns campos de refugiados, criados principalmente para abrigar somalis que fogem dos conflitos e da violência da região. Os campos de Dagahaley, em Dadaab, e o Ifo II são alguns dos mais famosos da África. Suas condições, entretanto, são, de acordo com a organização Médicos Sem Fronteiras, abaixo dos padrões

humanitários internacionais mínimos. O de Dadaab sozinho já está superlotado, abrigando aproximadamente 402.361 pessoas, dividido em cinco campos de somalis.

Somália

A República Federal da Somália é um dos Estados mais pobres do continente africano, e classificado como um dos mais corruptos do mundo. Sua violência constante e sua instabilidade política, além da guerra civil que se sucedeu em 1990, gera milhares de refugiados, que fogem para países como Quênia e Etiópia.

Sudão

A República do Sudão refugia alguns fugitivos dos conflitos que ocorrem no vizinho Sudão do Sul em seu campo de Al-Waral. Mais de 50 mil pessoas são abrigadas nesse campo. Ondas de violência no local fazem com que o governo necessite de apoio de outras nações para controlar a situação.

Sudão do Sul

A República do Sudão do Sul fornece moradia para mais de 70 mil pessoas que fugiram da guerra civil que separou o Sudão e agora tentam escapar das condições de miséria que vivem no campo, que fica ao norte do Sudão do Sul, em Yida. Em 2013, o presidente acusou seu vice de uma tentativa de golpe. Diante da repercussão extremamente violenta que isso causou de ambos os lados, 90 mil sul-sudaneses partem para Uganda.

Tanzânia

Na República Unida da Tanzânia, refugiados principalmente de Burundi e da República Democrática do Congo encontram acolhimento no campo de refugiados Nyarugusu. Criado em 1997, para dar refúgio a 50 mil congoleses que fugiram do seu país devido à guerra, o campo conta hoje com cerca de 160 mil pessoas. De acordo com o MSF, lá os abrigos são feitos de troncos de árvores cobertos por lonas plásticas, cada um de 40 por 10 metros. Com a superlotação do campo, a organização internacional afirma que "os alimentos e a água tornaram-se um problema" e causa conflitos entre os residentes.

Uganda

A República de Uganda abriga refugiados de Ruanda desde a guerra civil e genocídio no país, da década de 1990. Para isso, conta com o campo de Nakivale, no sul de seu

território, próximo à fronteira com a Tanzânia. Esse campo tem 68.996 habitantes, aproximadamente.

AMÉRICA LATINA E CARIBE

Brasil

O ano de 2017 foi o maior em número de pedidos de refúgio para a República Federativa do Brasil, desconsiderando a chegada dos venezuelanos e dos haitianos. Foram 13.639 pedidos no ano passado, 6.287 em 2016, 13.383 em 2015 e 11.405 em 2014. No total, 33.866 pessoas solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil em 2017. Os venezuelanos representam mais da metade dos pedidos realizados, com 17.865 solicitações. Na sequência estão os cubanos (2.373), os haitianos (2.362) e os angolanos (2.036). Os estados com mais pedidos de refúgio são Roraima (15.955), São Paulo (9.591) e Amazonas (2.864), segundo dados da Polícia Federal. Hoje, enfrenta uma crise de refugiados, por ser a melhor opção para venezuelanos que fogem da instabilidade política causada pelo governo.

Colômbia

A República da Colômbia procura ajuda. Afinal, acolhe mais de 1 milhão de venezuelanos que atravessaram a fronteira. É um dos países que corre atrás de investimentos para conseguir manter tais refugiados em boas condições. Entretanto, necessita da ajuda de outros países para tal, antes que esse problema se transforme em uma situação global.

México

O México – oficialmente Estados Unidos Mexicanos – precisa lidar com uma política extremamente anti-refugiados instaurada pelo novo governo dos EUA. Entretanto, mantém sua posição de que as fronteiras não devem ser tão radicais. É contra a construção do muro.

Panamá

A República do Panamá já abriga mais de 94 mil venezuelanos. Entretanto, busca soluções mais concretas para a organização de refugiados no continente americano. Por mais que houvesse um problema diplomático entre Panamá e Venezuela, os dois já retomaram relações.

Uruguai

A República Oriental do Uruguai foi o primeiro país a receber refugiados da América Central. Por isso, é uma figura-chave na proteção dos direitos dos refugiados e dos Direitos Humanos, principalmente na América Latina.

Venezuela

A crise de refugiados da Venezuela já foi considerada como quase tão ruim quanto a crise do Mediterrâneo em 2015. Já são mais de 3,4 milhões de venezuelanos refugiados por demais países, e a situação sanitária não é boa.

ÁSIA E PACÍFICO

Afeganistão e Arábia Saudita

O Reino da Arábia Saudita é um dos países que melhor ajuda financeiramente os refugiados. Ao mesmo tempo, não oferece asilo a nenhum refugiado. A estratégia ultraconservadora é, de fato, política, para manter boas relações com os países. Já no que concerne à República Islâmica do Afeganistão, a Organização das Nações Unidas pediu que países europeus não enviem refugiados afegãos de volta a seu país de origem, devido a insegurança crescente por conta de ataques suicidas do Talibã e do Estado Islâmico. Por mais que não possuam campos de refugiados, os próprios afegãos são, muitas vezes, refugiados em países como Irã e Alemanha.

China

A República Popular da China é considerada o país mais disposto a receber refugiados no mundo. Cerca de 46% dos entrevistados de uma pesquisa se dizem confortáveis para receber refugiados em sua casa. Apesar disso, o governo chinês já prendeu alguns refugiados da Coreia do Norte, interrogaram e expatriaram de volta ao seu país de origem, conhecido por ser extremamente fechado e ter em sua essência o autoritarismo.

Índia

Na República da Índia, há um campo de refugiados chamado Tamil Nadu, localizado a sudeste do território indiano. Contendo quase 70 mil pessoas, é um complexo de 112 campos que abriga refugiados da guerra no Sri Lanka, onde guerrilheiros de uma minoria étnica lutam pelo separatismo há mais de quinze anos. Na região, ainda mais 34 mil cingaleses vivem fora dos campos de refugiados.

Irã e Líbano

A República do Líbano é um dos maiores abrigos dos sírios que se refugiam da guerra. Por isso, cobram do governo sírio apoio para a manutenção de seus campos de refugiados. Já a República Islâmica do Irã já foi elogiada pela ONU no tratamento de refugiados que, no país, são de maioria afegã. Assim, o Irã lidera a região com condições sanitárias e humanitárias dignas de respeito entre os demais países.

Israel

O governo de Israel não está aberto a receber refugiados. Nos últimos anos, expulsou milhares de africanos de suas terras e ergueu, no deserto, campos de detenção, nos quais mantém “invasores” de seu território soberano por aproximadamente 12 meses. Por abrigar a religiosa “terra prometida”, é cautelosa quanto à questão dos refugiados, não os aceitando. No momento de poucos – ou nenhum – campos de refugiados, campos de detenção não possuem fiscalização internacional relativa a condições sanitárias ou de Direitos Humanos.

Jordânia

O governo da Jordânia, país que já recebeu mais de 650 mil refugiados sírios em seu território, afirmou, no final de junho de 2018, que não receberá mais refugiados em seu território em nenhuma circunstância, pois já recebeu um número muito acima de sua capacidade. Uma semana após este pronunciamento, cerca de 40 mil sírios se agruparam próximos à fronteira da Síria com Jordânia e, devido a isso, a ONU, por meio de seu porta-voz de Direitos Humanos, Liz Throssell, pede que a Jordânia abra novamente suas fronteiras. Após reunião entre representantes da ONU e Jordânia, o Ministro de Relações Exteriores jordaniano afirma que ajuda humanitária do país está pronta para auxiliar os refugiados, mas não comenta sobre a abertura das fronteiras. Ainda, o país está superlotado com refugiados e, por isso, as condições sanitárias não são as melhores.

Palestina

A Palestina é um dos países que mais possui cidadãos que se tornam refugiados em outros países. São ex-habitantes que fogem dos conflitos no local. Com as cidades arrasadas, não há muitos refugiados na Palestina. Caberia ao seu governo, então, pedir que as outras nações tratassem bem seus cidadãos, para que, num futuro de paz, seu território os recebesse

novamente. Os EUA e Israel não permitem que os refugiados estendam o status a seus filhos, algo repudiado pelo governo palestino como violação de direitos.

Síria

Grande parte dos refugiados vizinhos à República Árabe da Síria são sírios que fugiram da guerra civil e suas famílias. Depois, ainda ficou mais vazia por conta dos ataques do EI. Por isso, o governo sírio não sustenta campos de refugiados em seu território, mas se preocupa com a saúde de seus cidadãos fora de suas fronteiras.

EUROPA OCIDENTAL E OUTROS

Alemanha, França e Itália

A Alemanha é um dos países que mais recebem refugiados na União Europeia. Como líder do bloco e o país mais rico da zona do euro, a República Federal da Alemanha continua recebendo refugiados e os abrigando em boas condições. Apesar disso, praticamente metade da população é contra a entrada desses no país.

Na República Francesa, por mais que o governo proponha sanções a nações da Europa que não contribuam com o abrigo de refugiados, foi desmontado um campo de refugiados em Paris. Seus mais de 1700 habitantes foram enviados para centros de acolhimento, e seus documentos checados. A mensagem é clara: “devemos acolher os refugiados, mas em ordem.”

Áustria

A Áustria sempre se demonstrou a favor de colaborar, mas com grandes limitações. Além de cobrar uma taxa de entrada de mais de 800 euros por refugiado, ainda cortou o apoio a imigrantes e refugiados em meados de 2018. Além disso, ameaçou nações de origem dos refugiados com sanções.

Bélgica

O governo do Reino da Bélgica não aceita mais refugiados, enviando-os de volta ou prendendo. Há, inclusive, denúncias de tortura a alguns. O governo, inclusive, discute lei que permite forças policiais a invadirem casas para deportar refugiados.

Espanha e Portugal

A República Portuguesa é um dos países que veem com os melhores olhares a chegada de imigrantes e refugiados. Por mais que esteja recém-saído de uma crise, conta com a inserção de refugiados na mão de obra vigente no país como auxílio para o giro da economia no país.

O Reino da Espanha, entretanto, sempre teve que se armar bem para impedir que imigrantes africanos subam o Mediterrâneo e entrem em seu território. Entretanto, dependendo de como vêm, recebe aceitavelmente os refugiados, a contragosto.

Estados Unidos da América

Com o novo governo, os refugiados encontram cada vez mais dificuldade de entrar nos EUA. A política protecionista do presidente Trump exclui a possibilidade de aumentar apoio aos refugiados. Pelo contrário, só diminuem.

Itália

A República Italiana não parece muito acolhedora no que diz respeito a refugiados. Por mais que receba alguns, o novo Ministro do Interior garantiu que enviará os refugiados que chegarem de volta aos seus países, bem como os que já se encontram em território italiano. “Não seremos mais um campo de refugiados”, disse.

Finlândia e Grécia

A República da Finlândia expulsou mais de dois terços dos imigrantes de 2015, por não apresentarem os requisitos básicos para obter status de refugiados. Além disso, grande parte dos refugiados iraquianos parece querer voltar pra casa, por conta do frio, da família e até da comida. Assim, a relação do país frio não é tão boa assim com os mais de 20 mil solicitantes de asilo.

Já na República Helênica, muitos refugiados têm seus pedidos de asilo negados e os que chegam são tratados em condições extremamente precárias. O centro de acolhimento grego de refugiados foi considerado por países vizinhos como insustentável.

Reino Unido

Por mais que o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte já tenha recebido mais de 10 mil famílias em estado de asilo, foi um dos países que menos recebeu refugiados no bloco europeu. Em 2017, recebeu menos de 10% que o combinado. Na situação de BREXIT atualmente, o governo se esconde por trás de um discurso anti-imigração.

Suécia

O movimento contra refugiados no Reino da Suécia cresceu desde 2015. Até esse ano, o país foi um dos que mais recebeu refugiados na União Europeia e, de acordo com especialistas, é justamente por isso que o movimento da direita sueca cresceu contra os imigrantes. O antropólogo sueco Erik Olsson, da Universidade de Estocolmo, diz que as políticas equivocadas de inserção dos refugiados na sociedade sueca, que os envia para regiões periféricas, têm contribuído para a situação. “Eles encontram condições precárias lá e acabam se relacionando com crimes e com as poucas gangues que existem no país. O que deve ser lembrado é que a maioria desses crimes foi cometido por suecos e, em alguns casos, suecos que têm origem de outros países e automaticamente pertencem às faixas mais pobres da nossa população”.

A Suécia sempre acolheu refugiados nos momentos mais críticos da história mundial. Durante a Segunda Guerra, os suecos receberam judeus perseguidos por alemães na Dinamarca. Também recebeu iranianos tentando escapar do Xá, chilenos fugindo do General Augusto Pinochet, entre outros. A principal qualidade do país foi sempre tratar os refugiados como seus próprios habitantes ao oferecer os mesmos serviços sociais. Entretanto, com um discurso xenófobo, o partido anti-imigração Democratas Suecos conquistou nas eleições parlamentares de 2017 uma votação inédita, subindo de 1% dos votos em 2002 para 13% em 2014.

EUROPA ORIENTAL

Estônia, Letônia e Lituânia

Após o pronunciamento dos governos da Eslovênia e da Sérvia sobre o fechamento das fronteiras para refugiados, países como Estônia, Lituânia e Letônia construíram cercas em suas fronteiras para evitar que se tornassem rotas alternativas para os imigrantes que tentam entrar na Europa. Entretanto, em uma visita à Lituânia no final de 2018, o Papa Francisco elogia a tolerância com os emigrantes adotada por países como a Lituânia e critica os intolerantes como Polônia, Hungria e República Tcheca.

Hungria e República Tcheca

Assim como alguns outros países do leste europeu, a República Tcheca e Hungria são países que se posicionam completamente contra a entrada de refugiados em seu território,

tomando uma posição muito rígida quanto a isso. Apesar de tentativas de ações legais pela União Europeia, na tentativa de obrigar tais países a receber refugiados, e até mesmo uma crítica a tais ações pelo Papa Francisco, os governos permanecem firmes em seu posicionamento. “Não devemos deixar que nos ameacem. Se as coisas ficarem feias, será sempre melhor renunciar às dotações europeias do que deixar entrar imigrantes”, disse Milos Zeman, presidente da República Tcheca.

Polônia

O governo polonês, assim como o governo húngaro e outros governos do leste europeu, rejeita imigrantes oriundos da guerra síria ou de outras regiões da África ou Ásia, se distanciando do sistema de quotas imposto pela União Europeia. Apesar dos esforços, há mais de 50 mil ucranianos fugitivos das regiões de conflitos de 2014 na Criméia.

Turquia

A República da Turquia possui uma política muito rígida quanto a emigrantes, dando o *status* de refugiados apenas para pessoas oriundas de tragédias originadas do território europeu. Apesar disso, o país abriga mais de mais de 3,5 milhões de sírios refugiados em seu território, sendo a nação que mais abriga refugiado em número absoluto. Porém, a Turquia já foi acusada pela Anistia Internacional por recusar a entrada de refugiados em seu território e obrigá-los a retornar à Síria, cometendo deportações em larga escala ilegais.

Entretanto, apesar da imensa ajuda financeira da União Europeia, pouco mais de 200 mil refugiados se encontram em centros de refugiados temporários, obrigando o restante da população de refugiados a viver por conta própria no país.